

**XII - AMAI
OS VOSSOS
INIMIGOS**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XII - AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Retribuir o mal com o bem

1. *Aprendestes que foi dito: “Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos.” Eu, porém, vos digo: “Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. - Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?” (S. MATEUS, cap. V, vv. 43 a 47.)*

- *“Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.”(S. MATEUS, cap. V, v. 20.)*

2. *“Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que os amam? - Se o bem somente o fizerdes aos que vo-lo fazem, que mérito se vos reconhecerá, dado que o mesmo faz a gente de má vida? - Se só emprestardes àqueles de quem possais esperar o mesmo favor, que mérito se vos reconhecerá, quando as pessoas de má vida se entreejudam dessa maneira, para auferir a mesma vantagem? Pelo que vos toca, amai os vossos inimigos, fazei bem a todos e auxiliai sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. - Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é o vosso Deus.” (S. LUCAS, cap. VI, vv. 32 a 36.)*

3. Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, há geralmente equívoco no tocante ao sentido da palavra *amar*, neste passo. Não pretendeu Jesus, assim falando, que cada um de nós tenha para com o seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo-a capaz de abusar dessa atitude. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que comungam nas mesmas idéias. Enfim, ninguém pode sentir, em estar com um inimigo, prazer igual ao que sente

na companhia de um amigo.

A diversidade na maneira de sentir, nessas duas circunstâncias diferentes, resulta mesmo de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolo determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deva estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Se este preceito parece de difícil prática, impossível mesmo, é apenas por entender-se falsamente que ele manda se dê no coração, assim ao amigo, como ao inimigo, o mesmo lugar. Uma vez que a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir matizes diversos de um sentimento, à razão cabe estabelecer as diferenças, conforme aos casos.

Amar os inimigos não é, portanto, ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contacto de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contacto de um amigo. Amar os Inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes, *sem pensamento oculto e sem condições*, o mal que nos causem; é não opor nenhum obstáculo a reconciliação com eles; é desejar-lhes o bem e não o mal; é experimentar júbilo, em vez de pesar, com o bem que lhes advenha; é socorrê-los, em se apresentando ocasião; é abster-se, *quer por palavras, quer por atos*, de tudo o que os possa prejudicar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, *sem a intenção de os humilhar*. Quem assim procede preenche as condições do mandamento: Amai os vossos inimigos.

4. Amar os inimigos é, para o incrédulo, um contra-senso. Aquele para quem a vida presente é tudo, vê no seu inimigo um ser nocivo, que lhe perturba o repouso e do qual unicamente a morte. pensa ele, o pode livrar. Daí, o desejo de vingar-se. Nenhum interesse tem em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho perante o mundo. Em certos casos, perdoar-lhe parece mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de conservar rancor e secreto desejo de mal para o outro.

Para o crente e, sobretudo, para o espírita, muito diversa é a maneira de ver, porque suas vistas se lançam sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida atual não passa de um simples ponto. Sabe ele que, pela mesma destinação da Terra, deve esperar topar aí com homens maus e perversos; que as maldades com que se defronta fazem parte das provas que lhe cumpre suportar e o elevado ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as vicissitudes, quer advenham dos homens, quer das coisas. *Se não se queixa das provas, tampouco deve queixar-se dos que lhe servem de instrumento*. Se, em vez de se queixar, agradece a Deus o experimentá-lo, *deve também agradecer a mão que lhe dá ensejo de demonstrar a sua paciência e a sua resignação*. Esta idéia o dispõe naturalmente ao perdão. Sente, além disso, que quanto mais generoso for. tanto mais se engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance dos dardos do seu inimigo.

O homem que no mundo ocupa elevada posição não se julga ofendido com os

insultos daquele a quem considera seu inferior. O mesmo se dá com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a desse último.

Os inimigos desencarnados

5. Ainda outros motivos tem o espírita para ser indulgente com os seus inimigos. Sabe ele, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom,

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este o pode perseguir com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança, que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo demonstrar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: *extinguir o ódio com o sangue* é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Cabia-lhe, portanto, apresentar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao preceito do Cristo: *Amai os vossos inimigos*. Não há coração tão perverso que, mesmo a seu mau grado, não se mostre sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, tira-se, pelo menos, todo pretexto às represálias, podendo-se até fazer de um inimigo um amigo, antes e depois de sua morte. Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, *que então se constitui instrumento de que a justiça de Deus se serve para punir aquele que não perdoou*.

6. Pode-se, portanto, contar inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, concorrem para o adiantamento do ser, que, por isso; as deve receber com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu derredor. Se, conseqüentemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais; *que ninguém logra aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade*; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal e, sim, também o de os reconduzir ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. E assim que o mandamento: *Amai os vossos inimigos* não se circuns-

creve ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 43-48. -LUCAS, Cap. VI, v. 27-28 e 32-36

Amar os inimigos. - Amor e caridade para com todos. - Via da perfeição

MATEUS: V. 43. Tendes ouvido que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. - 44. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, - 45, a fim de serdes filhos de vosso Pai - que está nos céus - que faz nascer seu sol sobre os bons e sobre os maus - e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. - 46. Porque, se só amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem o mesmo os publicanos? - 47. Se somente saudardes os vossos irmãos, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem o mesmo os gentios? - 48. Sede, pois, perfeitos como é perfeito vosso Pai Celestial.

LUCAS: V. 27. Mas, digo eu a todos vós que me escutais: amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; - 28, abençoai os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos caluniam. -32. Se não amardes senão os que vos amam, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também amam os que os amam? - 33. Se só fizerdes o bem aos que bem vos fazem, que mérito tereis, uma vez que os pecadores procedem do mesmo modo? - 34. Se só emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também emprestam a pecadores, contando receber outro tanto? - 35. Amai, portanto, os vossos inimigos; fazei bem a todos e emprestai sem esperar pagamento. Vossa recompensa então será muito grande e sereis filhos do Altíssimo, que é benevolente para com os ingratos e os maus. - 36. Sede, pois, misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.

N. 89. Praticai a lei do amor e da caridade, sempre e em toda parte, para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos.

Nisto se resume o ensinamento acima, porquanto a observância da lei de amor e caridade implica a prática de todas as virtudes e de todos os deveres.

Pois que Deus concede os benefícios da Natureza à humanidade toda, porque há de o homem negar-se a dividir com seus irmãos o que recebe do pai comum?

Julgar - só a Deus cabe, porque só o seu julgamento é íntegro e isento das preocupações interesseiras que tantas vezes poluem os vossos. Sede, conseqüentemente, bons para com todos os vossos irmãos e deixai a Deus o encargo de julgar os que de suas mãos saíram e cujos corações e pensamentos só ele sonda.

Nada façais nunca tendo em vista apenas a recompensa. Vossas ações, quaisquer que sejam, devem subordinar-se tão-somente ao amor do dever, ao amor e ao

reconhecimento a Deus. Se elas não forem mais do que um empréstimo feito a Deus, objetivando unicamente a recompensa que ele vos queira dar, estareis, oh! homens que podeis tão pouco, praticando a usura com a eternidade. E, enquanto vos mantiverdes sob a influência desse sentimento e egoísmo, não sereis filhos do Altíssimo. A recompensa, ele não a defere senão aos atos que, pelo coração e pelo pensamento, são fruto do desinteresse e do amor.

A vossa fraqueza se assusta e o vosso orgulho se revolta ante estas palavras do Mestre: Amai os vossos inimigos".

Para se praticar este amor não basta a isenção de ódio, de rancor, de desejo de vingança contra os inimigos, não basta a abstenção de palavras, de atos, de tudo o que lhes possa ser nocivo ou desagradável, não basta perdoar-lhes e esquecer o mal que fizeram ou fazem. É preciso pagar-lhes, em tudo, por toda parte e sempre, o mal com o bem, por todos os meios, sob todas as formas e em todas as circunstâncias, com sinceridade no pensamento e no coração. É preciso trabalhar assim sem cessar por conquistá-los. É preciso que, sinceramente e possuídos do sentimento do amor universal, que deve de continuo crescer no coração do homem, que o aproxima cada vez mais de Deus, façais o bem aos que vos odeiam. É preciso que, não com os lábios, mas com o coração, abençoeis os que vos amaldiçoam, oreis pelos que vos perseguem ou caluniam.

Aquele que, desse modo, faz o bem, abençoa e ora, esse tem o sentimento e está na posse do amor aos inimigos.

Tratai, pois, de vos libertar das influências da matéria pela prática da lei do amor e da caridade, pela prece, e vereis cada vez mais desenvolver-se em vós, sob a influência e a ação da vossa depuração moral, a bondade, a misericórdia, a beneficência de que usa o vosso pai para com os ingratos, os justos e os injustos, os bons e os maus.

Jesus disse: Sede perfeitos como o vosso pai celestial é perfeito. Quer isto dizer: exercei, praticai com sinceridade todas as virtudes que vos são ensinadas para vos conduzirem àquele que é perfeito.

O Espiritismo, pela nova revelação, pela revelação da revelação, terceira e última explosão da bondade de Deus para com os homens, é a luz que vos deve clarear a marcha, que dará vista aos cegos. Não a repilais. Submetendo-vos cordialmente à prática dos ensinamentos que vos traz essa nova revelação, por intermédio dos Espíritos do Senhor, os quais vos vêm explicar e tornar compreensíveis as palavras evangélicas de Jesus e inspirar a prática sincera, esclarecida e completa delas, alcançareis o objetivo que se vos propõe. O caminho será longo, tortuoso, cheio de escolhos e dificuldades, mas finaliza num sítio pleno de delícias e claridades.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 20-26 - LUCAS, Cap. XII, v. 54-59

Justiça abundante. - Palavra injuriosa. Reconciliação.

MATEUS: V. 20. Porque, eu vos digo que, se a vossa justiça não for mais abundante do que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus. - 21. Aprendestes o que foi dito aos antigos: "Não matarás e quem quer que mate será condenado no juízo." - 22. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão será condenado no juízo; - que aquele que disser a seu irmão: Raca, será condenado no conselho; e quem disser: és um insensato, será condenado ao fogo da geena. - 23. Se pois, quando apresentares no altar a tua oferta, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, - 24, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem fazer a tua oblata. - 25. Põe-te o mais depressa possível de acordo com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para não suceder que te entregue ao juiz, este ao ministro e que sejas metido na prisão. - 26. Em verdade te digo que daí não sairás enquanto não houveres pago até o último ceutil.

LUCAS: V. 54. E ele dizia ao povo: Assim vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vem chuva e com efeito chove. - 55. Quando sopra vento do sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. - 56. Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? - 57. E porque, por vós mesmos, não reconheceis o que é justo? 58. Quando houveres de comparecer com o teu adversário perante o magistrado, trata de te livrares dele durante a viagem, para evitares que te leve ao juiz, que o juiz te entregue ao esbirro e que este te meta na prisão. - 59. Daí não sairás, eu te digo, enquanto não tiveres pago até o último ceutil.

N. 78. Estes versículos têm por objeto e por fim dar a compreender aos homens que lhes cumpre procurar distinguir sempre o que é justo, material e moralmente, nas relações com seus irmãos. Estava prestes a chegar o tempo em que a justiça seria praticada por maneira diversa da de que usavam os escribas e os fariseus: sem orgulho e sem hipocrisia. Os versículos acima objetivavam ainda dar a compreender aos homens como devem obedecer aos mandamentos que lhes vem do Senhor: não passivamente, abstando-se de cometer as faltas indicadas, pelo temor do castigo, mas praticando todas as virtudes que lhes são opostas demonstrando amor, reconhecimento, submissão àquele que nos traçou a todos uma linha de conduta para chegarmos a ele. Bem-aventurados os que a sabem seguir sem desvio algum.

Raca, - o juízo, - o conselho, - o fogo da geena - são expressões simbólicas. Deus julga o homem pelos seus atos. Se o homem não trata com indulgência, com brandura, o seu próximo, se o insulta, será punido por aquele que quer que todos se tratem como irmãos. As palavras - conselho, geena - são termos emblemáticos, destinados a tornar compreensível aos homens que as suas ações serão submetidas a um julgamento, que eles terão de sofrer o castigo que houverem merecido, castigo esse apropriado e proporcionado à falta cometida e acorde com a natureza e o grau da culpabilidade.

As palavras de Jesus constantes do v. 22 de Mateus são aplicáveis a todos os tempos e a todos os que infringirem a lei de amor universal. Certamente o espírito que a infringir será punido com maior severidade do que outro que ainda não viu a luz ou que, tendo-a visto, não ousou aceitá-la por escrúpulos de consciência, o que não constitui falta punível, ocasionando apenas um retardamento no progresso do Espírito, que aliás se verá suficientemente castigado pelo pesar que isso lhe causará.

As dos v. 23 e 24 de Mateus indicam, primeiramente, ao homem que deve usar de indulgência para com aquele que o ofendeu, indo estender-lhe a mão, a fim de o chamar a si. Indicam, em seguida, ao que cometeu uma falta, o dever de imediatamente procurar repará-la.

Fazei, portanto, o que o divino Mestre fez e faz todos os dias. Efetivamente, ele não vem a vós sem cessar, ele que em tudo é tão gravemente ofendido? Não estende continuamente os braços para vos receber? Não vos convida ao arrependimento por todos os meios possíveis? E não vedes muitas vezes multiplicarem-se seus benefícios a um que vos parece o mais indigno deles, unicamente com o fim de despertar o reconhecimento num coração ingrato e conquistá-lo?

Quanto às palavras do v. 25 do mesmo Evangelista, elas compõem imagens materiais destinadas a fazer que o homem compreenda a maneira por que deve proceder com seus irmãos, tendo em vista o juízo de Deus. Dai-vos pressa em perdoar aos vossos inimigos, em vos reconciliar com o vosso adversário, enquanto juntos percorreis, vós e ele, o caminho da vida, pois ignorais quando a morte vos virá deter os passos, para levar-vos à presença do soberano juiz, que lê nos corações e muitas vezes encontra aí o fermento de paixões más que não procurais descobrir. Reconciliai-vos, pois, com todos a quem houverdes ofendido e perdoai-lhes, como quereis, como precisais que o Pai celestial vos perdoe.

Disse Jesus: "Daí não sairás, enquanto não tiveres pago até o último ceitil". Deveis compreender bem estas palavras. O homem é o devedor de Deus, que lhe outorgou todas as coisas, para que delas fizesse bom uso. Ora, se o homem não pratica as virtudes que lhe são ensinadas, se repele seus irmãos, também será repellido. É uma conseqüência da lei de justiça e de amor na obra da eterna harmonia.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XII - AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra

7. Aprendestes que foi dito: olho por olho e dente por dente. - Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; - e que se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhes entregueis o manto; - e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. - Dai àquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado. (S. MATEUS, cap. V, vv. 38 a 42.)

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar “ponto de honra” produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se acha acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei moisaica prescrevia: olho por olho, dente por dente, de harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: Retribui o mal com o bem. E disse ainda: “Não resistais ao mal que vos queiram fazer; se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.” Ao orgulhoso este ensino parecerá uma covardia, porquanto ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança, e não compreende, porque sua visão não pode ultrapassar o presente.

Dever-se-á, entretanto, tomar ao pé da letra aquele preceito? Tampouco quanto o outro que manda se arranque o olho, quando for causa de escândalo. Levado o ensino às suas últimas conseqüências, importaria ele em condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar livre o campo aos maus, isentando-os de todo e qualquer motivo de temor. Se se lhes não pusesse um freio as agressões, bem depressa todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da Natureza, obsta a que alguém estenda o pescoço ao assassino. Enunciando, pois, aquela máxima, não pretendeu Jesus interdizer toda defesa, mas *condenar a vingança*. Dizendo que apresentemos a outra face àquele que nos haja batido numa, disse, sob outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que seja de molde a lhe abater o orgulho; que maior glória lhe advém de ser ofendido do que de ofender, de suportar pacientemente uma injustiça do que de praticar alguma; que mais vale ser enganado do que enganador, arruinado do que arruinar os outros. E, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação de orgulho. Somente a fé na vida futura e na justiça de Deus, que jamais deixa impune o mal, pode dar ao homem forças para suportar com paciência os golpes que lhe sejam desferidos nos interesses e no amor-próprio. Daí vem o repetir-

mos incessantemente: Lançai para diante o olhar; quanto mais vos elevardes pelo pensamento, acima da vida material, tanto menos vos magoarão as coisas da Terra.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A vingança

9. A vingança é um dos últimos remanescentes dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. E, como o duelo, um dos derradeiros vestígios dos hábitos selvagens sob cujos guantes se debatia a Humanidade, no começo da era cristã, razão por que a vingança constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se dão e dos Espíritos que ainda as inspirem. Portanto, meus amigos, nunca esse sentimento deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e proclame espírita. Vingar-se é, bem o sabeis, tão contrário àquela prescrição do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos”, que aquele que se nega a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta, quanto tem por companheiras assíduas a falsidade e a baixaza. Com efeito, aquele que se entrega a essa fatal e cega paixão quase nunca se vinga a céu aberto. Quando é ele o mais forte, cai qual fera sobre o outro a quem chama seu inimigo, desde que a presença deste último lhe inflame a paixão, a cólera, o ódio. Porém, as mais das vezes assume aparências hipócritas, ocultando nas profundezas do coração os maus sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos, segue na sombra o inimigo, que de nada desconfia, e espera o momento azado para sem perigo feri-lo. Esconde-se do outro, espreitando-o de contínuo, prepara-lhe odiosas armadilhas e, em sendo propícia a ocasião, derrama-lhe no copo o veneno, Quando seu ódio não chega a tais extremos, ataca-o então na honra e nas afeições; não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas a todos os ventos, se vão avolumando pelo caminho. Em consequência, quando o perseguido se apresenta nos lugares por onde passou o sopro do perseguidor, espanta-se de dar com semblantes frios, em vez de fisionomias amigas e benevolentes que outrora o acolhiam. Fica estupefato quando mãos que se lhe estendiam, agora se recusam a apertar as suas. Enfim, sente-se aniquilado, ao verificar que os seus mais caros amigos e parentes se afastam e o evitam, Ah! o covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpado do que o que enfrenta o seu inimigo e o insulta em plena face.

Fora, pois, com esses costumes selvagens! Fora com esses processos de outros tempos! Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de vingar-se seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tem como divisa: *Sem caridade não há salvação!* Mas, não, não posso deter-me a pensar que um membro da grande família espírita ouse jamais, de futuro, ceder ao impulso da vingança, senão para perdoar.

- *Júlio Olivier.* (Paris, 1862.)

O ódio

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio, ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento, Missionário do amor, ele amou até dar o sangue e a vida por amor, Penoso vos é o sacrifício de amardes os que vos ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que vos torna superiores a eles. Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. Amá-los é a hóstia imácula que ofereceis a Deus na ara dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não couraça o coração contra os maus procederem; esta é, ao contrário, a prova mais angustiosa, e eu o sei bem, porquanto, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura. Mas Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima de Deus a criatura e o ódio a distancia dele. - *Fénelon*, (Bordéus, 1861.)

O duelo

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida uma viagem que o há de conduzir a determinado ponto, pouco caso faz das asperezas da jornada e não deixa que seus passos se desviem do caminho reto. Com o olhar constantemente dirigido para o termo a alcançar, nada lhe importa que as urzes e os espinhos ameacem produzir-lhe arranhaduras; umas e outros lhe roçam a epiderme, sem o ferirem, nem impedirem de prosseguir na caminhada. Expor seus dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provações da vida, é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se não fôsseis, como sois, iludidos pelos vossos prejuízos, tal coisa seria ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio em duelo; a vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida de seu semelhante: é um crime aos olhos de Deus, que vos traçou a linha de conduta que tendes de seguir. Nisso, mais do que em qualquer outra circunstância, sois juizes em causa própria. Lembrai-vos de que somente vos será perdoado, conforme perdoardes; pelo perdão vos acercais da Divindade, pois a clemência e irmã do poder. Enquanto na Terra correr uma gota de sangue humano, vertida pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda se não terá implantado aí, reino de paz e de amor, que há de banir para sempre do vosso planeta a animosidade, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo somente existirá na vossa linguagem como longínqua e vaga recordação de um passado que se foi. Nenhum outro antagonismo existirá entre os homens, afora a nobre rivalidade do bem. - *Adolfo*, bispo de Argel. (Marmande, 1861.)

12. Em certos casos, sem dúvida, pode o duelo constituir uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da

vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas, Não vos disse o Cristo que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda aquele que bateu na direita, do que em vingar uma injúria? Não disse ele a Pedro, no jardim das Oliveiras: “Mete a tua espada na bainha, porquanto aquele que matar com a espada perecerá pela espada?” Assim falando, não condenou, para sempre, o duelo? Efetivamente, meus filhos, que é essa coragem oriunda de um gênio violento, de um temperamento sangüíneo e colérico, que ruga à primeira ofensa? Onde a grandeza da alma daquele que, à menor injúria, entende que só com sangue a poderá lavar? Ah! que ele treme!

No fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: Caim! Caim! que fizeste de teu irmão? Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra, responderá ele a essa voz, Ela, porém, retrucará: Procuraste salvá-la perante os homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vós o Cristo, por todos os ultrajes que recebeu! Não só o feristes com os espinhos e a lança, não só o pregastes num madeiro infamante, como também o fizestes ouvir, em meio de sua agonia atroz, as zombarias que lhe prodigalizastes, Que reparação a tantos insultos vos pediu ele? O último brado do cordeiro foi unia súplica em favor dos seus algozes! Oh! como ele, perdoai e oral pelos que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: “Amai-vos uns aos outros” e, então, a um golpe desferido pelo ódio respondereis com um Sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos tratará de covardes; erguei bem alto a fronte e mostrai que também ela se não temeria de cingir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas, que a vossa mão não quer ser cúmplice de um assassinio autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e amor-próprio. Dar-se-á que, ao criar-vos, Deus vos outorgou o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, só à Natureza conferiu ele esse direito, para se reformar e reconstruir; quanto a vós, não permite, sequer, que disponhais de vós mesmos. Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se ele ameaçou com a sua justiça aquele que disser *raca* a seu irmão, quão mais severa não será a pena que comine ao que chegar à sua presença com as mãos tintas do sangue de seu irmão! - *Santo Agostinho*. (Paris, 1862.)

13. O duelo, como o que outrora se denominava o juízo de Deus, é uma das instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. Que diríeis, no entanto, se vísseis dois adversários mergulhados em água fervente ou submetidos ao contacto de um ferro em brasa, para ser dirimida a contenda entre eles, reconhecendo-se estar a razão com aquele que melhor sofresse a prova? Qualificaríeis de insensatos esses costumes, não é exato? Pois o duelo é coisa pior do que tudo isso. Para o duelista destro, é um assassinio praticado a sangue frio, com toda a premeditação que possa haver, uma vez que ele está certo da eficácia do golpe que desfechará. Para o adversário, quase certo de sucumbir em virtude de sua fraqueza e inabilidade, é um suicídio come-

tido com a mais fria reflexão, Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa, confiando ao acaso a questão: - mas, não é isso voltar, sob outra forma, ao juízo de Deus, da Idade Média? E nessa época infinitamente menor era a culpa. A própria denominação de *juízo de Deus* indica a fé, ingênua, é verdade, porém, afinal, fé na justiça de Deus, que não podia consentir sucumbisse um inocente, ao passo que, no duelo, tudo se confia à força bruta, de tal sorte que não raro é o ofendido que sucumbe.

Ó estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho, quando sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor do próximo e pela humildade que o Cristo exemplificou e preceituou? Só quando isso se der desaparecerão esses preceitos monstruosos que ainda governam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem; é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal morem no coração do homem. - *Um Espírito protetor*. (Bordéus, 1861.)

14. Que juízo farão de mim, costumais dizer, se eu recusar a reparação que se me exige, ou se não a reclamar de quem me ofendeu? Os loucos, como vós, os homens atrasados vos censurarão; mas, os que se acham esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral dirão que procedeis de acordo com a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco. Por motivo de uma palavra dita às vezes impensadamente, ou inofensiva, vinda de um dos vossos irmãos, o vosso orgulho se sente ferido, respondeis de modo acre e daí uma provocação. Antes que chegue o momento decisivo, inquiris de vós mesmos se procedeis como cristãos? Que contas ficareis devendo à sociedade, por a privardes de um de seus membros? Pensastes no remorso que vos assaltarà, por haverdes roubado a uma mulher o marido, a uma mãe o filho, ao filho o pai que lhes servia de amparo? Certamente, o autor da ofensa deve uma reparação; porém, não lhe será mais honroso dá-la espontaneamente, reconhecendo suas faltas, do que expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, convenho em que, algumas vezes, por ele achar-se gravemente ferido, ou em sua' pessoa, ou nas dos que lhe são mais caros, não está em jogo somente o amor-próprio: o coração se acha magoado, sofre. Mas, além de ser estúpido arriscar a vida, lançando-se contra um miserável capaz de praticar infâmias, dar-se-á que, morto este, a afronta, qualquer que seja, deixa de existir? Não é exato que o sangue derramado imprime retumbância maior a um fato que, se falso, cairia por si mesmo, e que, se verdadeiro, deve ficar sepultado no silêncio? Nada mais restará, pois, senão a satisfação da sede de vingança. Ah! triste satisfação que quase sempre dá lugar, já nesta vida, a causticantes remorsos. Se é o ofendido que sucumbe, onde a reparação?

Quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: "Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam." Em se verificando isso, desaparecerão todas as causas de dissensões e, com elas, as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo a povo. - *Francisco Xavier*, (Bordéus, 1861.)

15. O homem do mundo, o homem venturoso, que por uma palavra chocante, uma coisa ligeira, joga a vida que lhe veio de Deus, joga a vida do seu semelhante, que só a Deus pertence, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, impelido pela cupidez, algumas vezes pela necessidade, se introduz numa habitação para roubar e matar os que se lhe opõem aos desígnios. Trata-se quase sempre de uma criatura sem educação, com imperfeitas noções do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence, em regra, à classe mais culta. Um mata brutalmente, enquanto que o outro o faz com método e polidez, pelo que a sociedade o desculpa. Acrescentarei mesmo que o duelista é infinitamente mais culpado do que o desgraçado que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação. O duelista não tem por escusa o arrebatamento da paixão, pois que, entre o insulto e a reparação, dispõe ele sempre de tempo para refletir. Age, portanto, friamente e com premeditado desígnio; estuda e calcula tu do, para com mais segurança matar o seu adversário. E certo que também expõe a vida e é isso o que reabilita o duelo aos olhos do mundo, que nele então só vê um ato de coragem e pouco caso da vida. Mas, haverá coragem da parte daquele que está seguro de si? O duelo, remanescente dos tempos de barbárie, em os quais o direito do mais forte constituía a lei, desaparecerá por efeito de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem for depositando fé mais viva na vida futura. -*Agostinho*. (Bordéus, 1861.)

16. NOTA. Os duelos se vão tornando cada vez mais raros e, se de tempos a tempos alguns de tão dolorosos exemplos se dão, o número deles não se pode comparar com o dos que ocorriam outrora. Antigamente, um homem não saía de casa sem prever um encontro, pelo que tomava sempre as necessárias precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos se nos depara no porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas ou defensivas. A abolição de semelhante uso demonstra o abrandamento dos costumes e é curioso acompanhar-lhes a gradação, desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam bardados de ferro e armados de lança, até a em que uma simples espada à cinta constituía mais um adorno e um acessório do brasão, do que uma arma de agressão. Outro indício da modificação dos costumes está em que, outrora, os combates singulares se empenhavam em plena rua, diante da turba, que se afastava para deixar livre o campo aos combatentes, ao passo que estes hoje se ocultam. Presentemente, a morte de um homem é acontecimento que causa emoção, enquanto que, noutros tempos, ninguém dava atenção a isso. O Espiritismo apagará esses últimos vestígios da barbárie, incutindo nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 38-42 - LUCAS, Cap. VI, v. 29-30

Paciência. - Abnegação, caridade moral e material.

MATEUS: V. 38. Sabeis que foi dito: olho por olho e dente por dente. - 39. Eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao que vos queira fazer mal; que, ao contrário, se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis a outra; - 40, e, àquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa. - 41. E se algum vos forçar a caminhar mil passos, caminhai com ele mais dois mil. - 42. Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo.

LUCAS: V. 29. Se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra; se alguém te tirar a capa, não o impeças de levar também a túnica. - 30. Dá a todo o que pedir; e ao que te tomar os teus bens não os reclames.

N. 85. O sentido destas palavras, apreciadas segundo o espírito e não segundo a letra, se torna claro, desde que, de um lado, nos reportemos à época em que o Mestre desempenhava a sua missão e tenhamos em conta os homens a quem falava; e, de outro lado, consideremos o objetivo daquela missão, toda de abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, objetivo que consistia em espalhar ele, como espalhou, doutrinando e exemplificando, as sementes que haviam de frutificar no momento e no futuro.

Os preceitos da lei antiga eram de molde a atemorizar homens que se não deixavam conduzir senão pelo temor, homens cujas naturezas violentas não podiam submeter-se a uma lei cheia de doçura.

Para que os direitos individuais fossem respeitados, era indispensável que cada um estivesse bem convencido de que, como castigo, sofreria tanto ou mais do que fizera sofrer a seu irmão.

A lei do Cristo, contrariamente, põe em relevo o amor e a abnegação que todo homem deve confessar, não só para com os seus, para com os que lhe são parentes ou amigos, mas até para com os que lhe querem mal e procuram prejudicá-lo. Obedecei a essa lei admirável. Tudo se resume nisso.

O ensinamento contido nestas palavras: "Sabeis que aos antigos foi dito - olho por olho e dente por dente; eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao mal que vos queiram fazer; que, ao contrário, se alguém vos bater numa face lhe apresenteis a outra", se resume em que o homem deve pregar pelo exemplo a doçura e a resignação; que deve, antes de se revoltar contra a injúria, lançar mão de todos os meios para atrair a si aquele que o injuria; que deve mesmo pôr de parte todo o orgulho e humilhar-

se, sendo preciso, para reconduzir ao caminho do amor aquele que do amor se afasta; que não deve fazer justiça nunca por si mesmo, qualquer que seja a gravidade da injúria ou da ofensa. O orgulho humano se revolta contra isso, mas Jesus vos deu um sublime exemplo de humildade, ele que em consciência não podia dizer: "O mal que experimento, eu o pratiquei ou poderia praticar". Puro e inocente no mais alto grau, suportou o ultraje, cuidando de esclarecer os que o ultrajavam. Eis aí a lição que deveis tirar daquelas palavras.

Convindo que tudo seja apropriado aos tempos e às inteligências, conservai as leis que vos regem, as quais, embora ainda imperfeitas, espiritualmente falando, são necessárias à manutenção da vossa segurança.

Deixai que as leis sejam executadas, quando houverdes inutilmente empregado os meios que a caridade vos faculta para encaminhar os que se tenham afastado dela e do amor, injuriando-vos ou prejudicando os vossos interesses humanos.

Dizendo: "Aquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa; se alguém vos tirar a capa, não o impeçais de levar também a vossa túnica", procura Jesus mostrar aos homens que a boa vontade demonstrada a um irmão culpado pode servir para a sua correção.

Certamente, ninguém imaginará que Jesus tenha pretendido animar o roubo ou a violência, prescrevendo que o homem ceda a um ou a outra, que vá mesmo ao encontro das extorsões. Mas, bem sabeis que, para atingir inteligências obtusas, é preciso bater violentamente. Assim, o Mestre teve de figurar exemplos tais de amor e de abnegação que, procurando seguir-lhe, ainda que de longe, os preceitos, os que o ouviam enveredassem pelo caminho do bem.

Bastante compreensível vos deve ser o sentido receber e destas palavras:

"Com aquele que vos forçar a caminhar mil passos, caminhaí mais dois mil".

Não recuseis nunca atender a um desejo do vosso irmão, em vos sendo possível. Não só não lho recuseis, como ainda adiantai-vos e ultrapassai, cativando-o, os limites por ele próprio traçados à vossa bondade ou à vossa obsequiosidade. Não vos contenteis com o prestar o serviço pedido, tratai de ver se não há uma necessidade maior por detrás do que se vos pede. Estudai os desejos do vosso irmão, suas necessidades e prestai-lhe os favores que quereíeis ele vos prestasse, se estivésseis no seu lugar. Compreendi toda a delicadeza do obséquio feito, quando se não ousou vo-lo solicitar.

Não menos compreensível vos deve ser o sentido caridoso, moral e materialmente falando, destas outras palavras do Mestre: "Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo".

Não negueis a esmola da vossa bolsa, do vosso coração, ou da vossa inteligência, na medida da vossa capacidade.

Não cuideis de despojar os que de vós hajam obtido alguma coisa, ainda quando tenham, para obtê-la, usado de meios vergonhosos, mesmo da violência. Tratai, ao contrário, de fazer com que o que vos foi tirado redunde em proveito de quem o tirou,

em proveito do seu adiantamento moral, testemunhando-lhe vós doçura, boa vontade, propósito de lhe ser útil, apesar dos maus processos adotados, sempre, porém, dentro dos limites que vos traçarem a inteligência e o coração. Jamais alenteis o vício: antes esforçai-vos por desviar dele o vosso irmão, utilizando-vos dos meios que o Cristo indicou.

No estado atual da sociedade humana, no ponto em que ela se acha de adiantamento moral, inegáveis são, em bem da segurança da ordem pública e social, o dever, a necessidade da resistência, pelos meios legais, pelos que as leis e a justiça humana prescrevem, à injustiça, ao ultraje e à espoliação, a fim de impedir que um irmão, por atos criminosos, delituosos, pratique o mal, sucumbindo nas suas provas, ou a fim de trazer um irmão, que desse modo pratica o mal, à condição de não mais falar futuramente. Da parte dos homens, porém, o castigo e a pena devem ter por fim, como têm da parte de Deus, a melhoria moral do culpado e seu progresso.

Cristãos, espíritas de naturezas privilegiadas, seguindo os exemplos dados pelo divino Mestre e esforçando-se por lhe palmilharem as pegadas, podem, individualmente e excepcionalmente, pôr em prática, desde agora, como lições e exemplos que, através dos séculos, frutificarão no futuro, esses preceitos evangélicos de humildade, de abnegação, de renúncia, de caridade e de amor, com o fim e a esperança de melhorar os bons, de obrigar os maus a refletirem envergonhados.

Compreendi, oh! homens! a lei divina e compreenderéis o valor de tais preceitos. Ainda não vos é dado pô-los em prática, vossas leis são apropriadas às necessidades da sociedade humana. Dia, porém, virá em que Deus será o único juiz digno de sentenciar nas contendas entre os homens, em que o tribunal de Deus será o único ao qual tudo se achará sujeito.

Sim, dia virá em que a consciência do homem estará nas condições que lhe permitam apreciar o seu próprio proceder e os seus sentimentos, vendo claro dentro de si. Deus, seu único guia, lhe falará e o julgará. Ele ouvirá então essa voz sublime, tantas vezes desatendida, a da consciência, e não praticará mais nenhum ato sem a consultar previamente. Mas, ainda vos encontrais muito distantes desses tempos felizes, nos quais caminhareis, em verdade e em amor, sob as vistas do vosso Pai.

Não chegastes ainda à época da execução dos Evangelhos como Moisés não chegara, do mesmo modo que os profetas de Israel, à do cumprimento da moral que lei de Deus. Esperai a revolução moral que começa pelo advento da era predita do Espiritismo, a qual se inicia com a nova revelação. Aguardai-lhe os efeitos. Se não os puderdes observar com os olhos do corpo, ser-vos-á dado acompanhá-los em espírito e trabalhar com mais eficácia pela realização de todas as palavras de Jesus.

N. 86. A época da execução dos Evangelhos, de todas as palavras de Jesus, será aquela em que, com o tempo e as reencarnações sucessivas dos Espíritos culpados, com o concurso dos Espíritos encarnados em missão e mediante a influência oculta e incessante dos Espíritos do Senhor, a Terra se encontrará iluminada totalmen-

te pelo Espiritismo e pela ação sempre progressiva da nova revelação; em que o nosso mundo se terá tornado, feita a separação dos maus e dos bons, dos bodes e das ovelhas, retirados para planetas inferiores os Espíritos até então culpados e rebeldes, morada exclusiva de Espíritos bons, morada de paz e de felicidade?

Sim, será ao tempo em que o homem houver despido suas vestes impuras e revestido a túnica da inocência que amorosamente lhe tecemos.

N.87. Para que se executem os Evangelhos e todas as palavras de Jesus, a revolução moral, lenta e sempre progressiva, será acompanhada de uma revolução física, também lenta e sempre progressiva, que atinja a humanidade pelo surto de novas raças trazendo corpos diferentes dos nossos, cada vez menos materiais e depois fluídicos, e que atinja igualmente todos os reinos da Natureza e a constituição do nosso globo?

A revolução física que se há de operar acordemente com a revolução moral (mostrá-lo-emos e explicaremos quando chegar a ocasião) foi predita por Jesus durante a sua missão terrena. Essa predição se encontra velada na sua palavra evangélica e na revelação feita a João na ilha de Patmos.

O progresso físico se realizará ao mesmo tempo que o progresso moral. As necessidades da Natureza mudarão, quando as da alma se houverem depurado. E pouco a pouco, por uma transição que vos será difícil apreciar, a constituição física do planeta, que já se modificou e transformou progressivamente, como o atestam as fases geológicas já percorridas, se irá apurando, melhorando gradualmente, tornando-o asilo apropriado a Espíritos libertos de todos os vícios, de todas as fraquezas.

Do mesmo passo que o homem, também se empenharão nessa marcha ascendente pela via do progresso os animais, os vegetais, os seres de todos os reinos da Natureza, a fim de que a harmonia se mantenha no planeta.

Já podeis verificar que os animais tidos por ferozes ou indomáveis começam a submeter-se ao jugo do homem. É um encaminhamento. Tudo tem que tomar parte nessa ascensão para o bem, que, todavia, será longa e penosa. Poupai, portanto, as vossas forças. Concentrai-as, a fim de atingirdes a meta e poderdes repousar felizes no seio amoroso do Senhor, isto é, concorrer, na medida da vossa elevação moral e intelectual, para a execução de suas vontades e de suas obras, na vida e na harmonia universais.

N.88. Estas palavras da lei antiga - "olho por olho, dente por dente" - não se aplicam, despojado da letra o espírito, entendidas em espírito e verdade, à justiça de Deus, da qual veladamente fala o Antigo Testamento, como a se exercer segundo a lei de talião sobre o Espírito culpado, para sua purificação e seu progresso, primeiro, mediante a expiação na erraticidade, por sofrimentos ou torturas morais apropriados e

proporcionados às faltas ou crimes cometidos, depois, mediante a reencarnação, para novas provações?

Sim, certamente. Todos os fatos referidos no Antigo Testamento têm um caráter alegórico, que reconheceréis adiantando-vos na ciência espírita.